

FUNDAMENTOS PARA UMA
EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Dom Helder Camara e Paulo Freire

Coleção EDUCAÇÃO SUPERIOR

Coordenação editorial: **Claudenir Módolo Alves**

- ▶ *Metodologia Científica – Desafios e caminhos*, Osvaldo Dalberio / Maria Célia Borges Dalberio
- ▶ *Um abominável mundo novo? – O ensino superior atual*, Regis de Moraes
- ▶ *Práticas e perspectivas de democracia na gestão educacional*, Carlos Betlinski
- ▶ *A função do ensino e a formação do professor universitário*, Thereza Marini
- ▶ *Fundamentos para uma educação libertadora – Dom Helder Camara e Paulo Freire*, Martinho Condini

Martinho Condini

**FUNDAMENTOS PARA UMA
EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

Dom Helder Camara e Paulo Freire



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Tarsila Doná*

Iranildo Bezerra Lopes

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Condini, Martinho

Fundamentos para uma educação libertadora — Dom Helder Camara e Paulo Freire / Martinho Condini. — 1. ed. — São Paulo: Paulus, 2014. — (Coleção Educação superior)

ISBN 978-85-349-4057-3

1. Educação - Finalidades e objetivos 2. Ensino superior 3. Pedagogia 4. Prática de ensino
5. Professores - Formação profissional 6. Professores universitários 7. Sala de aula -
Direção I. Título. II. Série.

14-11567

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores universitários: Formação profissional: Educação 370.71

1ª edição, 2014

© Paulus 2014

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

Fax: (11) 5579-3627

www.paulus.com.br

editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4057-3

SUMÁRIO

PREFÁCIO 15

APRESENTAÇÃO 21

INTRODUÇÃO 25

Capítulo I – **DOM HELDER CAMARA – DA PRÁTICA À TEORIA:
A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA
SOLIDÁRIA 35**

1. A prática social, educacional e política no Ceará 36
2. No Rio de Janeiro, uma trajetória de transformações 46
3. A transferência para Recife e o embate com os militares 65
4. O trabalho político educacional em Recife 96
 - 4.1 Operação Esperança 97
 - 4.2 Comunidades Eclesiais de Base em Recife 103

Capítulo II – **A EDUCAÇÃO LIBERTADORA SOLIDÁRIA DE DOM
HELDER E A PEDAGOGIA FREIREANA 119**

1. A educação no Concílio Vaticano II 119
2. A educação e a Conferência de Medellín 123
3. A educação libertadora helderiana e a pedagogia
freireana 133

Capítulo III - **A EDUCAÇÃO LIBERTADORA SOLIDÁRIA DE DOM
HELDER: UMA ALTERNATIVA CURRICULAR PARA
O ATUAL CONTEXTO EDUCACIONAL** 167

1. O currículo	171
1.1 As concepções tradicionais do currículo	175
1.2 As teorias críticas do currículo	178
1.3 As teorias pós-críticas do currículo	189
2. O currículo na <i>Pedagogia do oprimido</i>	196
3. A contribuição de Dom Helder para o currículo	201
CONSIDERAÇÕES FINAIS	227
APÊNDICE	233
BIBLIOGRAFIA	241

Às professoras e professores que acreditam na educação libertadora como um caminho para a prática educacional e não perderam a capacidade de se indignar diante das injustiças.

*Dedico este livro a minha filha Luiza e a minha esposa Ivana,
que diariamente me ensinam a prática de “ser mais”.*

MINHA PEDAGOGIA

Não ensines a teu filho
que as estrelas
não são do tamanho que parecem ter,
maiores do que a Terra!
São lâmpadas
que os anjos acendem todos os dias
assim que o Sol começa a escurecer...
Não digas a teu filho
que as asas dos anjos
só existem na imaginação.
Já vi meu anjo em sonho
e posso jurar
que ele tem asas claras
que até parecem feitas de luz.
Não enchas a cabeça do teu filho
ensinando-lhe hipóteses precárias
que amanhã de nada servirão.
Povoe de beleza o olhar inocente
do teu filho.
Dê-lhe uma provisão de bondade
que chegue para a marcha da vida.
Infunda-lhe na alma
O amor de Deus – e tudo mais por acréscimo ele terá...

Dom Helder Camara
(1909-1999)

“Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir. Não sendo superior nem inferior a outra prática profissional, a minha, que é prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacitação científica faz parte. É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna.”

(Pedagogia da autonomia, p.144)

Paulo Freire
(1921-1997)

PREFÁCIO

*Quando dou pão aos pobres me chamam de santo,
quando pergunto pelas causas da pobreza me chamam de comunista.*

Dom Helder Camara

*Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade,
tampouco, sem ela, a sociedade muda.*

Paulo Freire

Brasil: 1909 a 1999. Nesse período de menos de um século, duas figuras, de dois brasileiros, emergiram e se estabeleceram como referências históricas no encontro do Brasil consigo mesmo: Dom Helder Camara e Paulo Freire.

Na primeira metade desse período, a nação ainda via grande parte de seus filhos enredados na pobreza e na miséria, no campo e na cidade. Miséria material, educacional, espiritual. O país buscava encontrar a identidade de sua própria nacionalidade e o caminho de um desenvolvimento emancipador da sua crônica dependência econômica externa. Aos poucos, se pronunciava uma palavra-chave, um tema gerador da consciência social, política e cultural do país: “libertação”. Faltava uma religião libertadora, uma educação libertadora, uma política libertadora.

Dom Helder e Paulo Freire trilharam dois caminhos, paralelos e complementares, num difícil e longo percurso de construção do reconhecimento à liberdade e à dignidade dos seres humanos. Esse percurso foi realizado com tal intensidade e consistência por esses dois protagonistas que o reconhecimento de sua obra extrapolou as fronteiras nacionais: ambos foram aclamados internacionalmente.

A demonstração desse reconhecimento está, em parte, nos títulos que receberam, inclusive no exterior: títulos de Doutorado *Honoris Causa* (32 a Dom Helder e 39 a Paulo Freire), de Cidadãos Honorários (30 a Dom Helder e 18 a Paulo Freire), nas indicações para o prêmio Nobel da Paz (quatro a Dom Helder e uma a Paulo Freire), no sem-número de prêmios e homenagens, na nomeação de escolas e logradouros públicos (são mais de 400 escolas no país com o nome de Paulo Freire) etc.

O caminho de ambos foi um corajoso contrafluxo à marcha convencional e hegemônica da política, da religião e da educação no país. Mas isso não deveria ter sido de se estranhar, pois, rigorosamente falando, nenhum deles inovou a política, a religião ou a educação em seus principais fundamentos discursivos originários: a política, porque ela é, originariamente, a promessa e a construção da democracia; a religião, porque ela apresenta-se historicamente como revolucionária na origem – uma recusa ao mundo do modo como ele se encontra disposto, e como um anúncio de redenção; a educação, porque ela sempre foi um processo de socialização e, ao mesmo tempo, de inovação.

No caso de Dom Helder, tratava-se de anunciar e realizar a história da *salvação* como *desalienação* e reencontro da humanidade com a *ordem* do cosmos, da natureza, da cultura, o que implica a afirmação da *sacralidade* da vida – expressão religiosa radical para referir-se à radical *dignidade* da vida de cada sujeito humano. Não há cristianismo que não implique um discurso de denúncia contra a desumanidade da desordem e da injustiça (pecado) e o anúncio e prática de uma redenção (graça) em uma nova ordem, superior, um novo Reino. No caso de Freire, tratava-se de anunciar e realizar o cumprimento pleno das potencialidades de cada educando,

como diálogo, conscientização e práxis simultânea à transformação política das injustiças.

Cristianismo e educação, portanto, também em Dom Helder e Paulo Freire, são compromissos com uma nova ordem ética para o mundo, de sustentabilidade, não apenas no sentido de sua preservação em equilíbrio, mas principalmente no sentido de seus desenvolvimentos inesgotáveis nos aspectos material e espiritual.

O educador e o cristão criticamente éticos, conscientes de que as diferenças entre os seres humanos não são principalmente naturais, mas principalmente histórico-culturais, buscam manter uma atitude fundamental sempre radicalmente inclusiva, de cuidado com todos, mas não deixam de considerar que seu cuidado preferencial deve ser dirigido àquele outro cuja vida é mais negada, mais vitimada, mais excluída. A Teologia da Libertação cristã, que foi o modo de pensamento de Dom Helder desde que foi formulada nos anos 1970, cultivou enfaticamente esse cuidado preferencial com os excluídos, o que foi consagrado como mote na II Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), realizada em Medellín, Colômbia (1968): a opção preferencial pelos pobres. A pedagogia de Paulo Freire, por sua vez, em sua ação inaugural, já elegeu, como educandos prioritários, os camponeses analfabetos.

Mas toda pastoral religiosa é prática pedagógica. Desde os primórdios das comunidades humanas, no paleolítico inferior, realizou-se a reprodução da vida dos grupos por meio da transmissão dos conhecimentos adquiridos pelas gerações anteriores à geração mais nova. A roda dos adultos e crianças do clã, ao redor do fogo, no final do dia, nas moradas (*êthos*) ancestrais, é a cena pedagógica e pastoral primordial. Pois vida econômica, social e espiritual era uma unidade: as três constituíam a cultura.

A todo profissional contemporâneo é atribuída uma responsabilidade funcional-técnica e cultural-simbólica na relação com seu público: médico-paciente, jornalista-leitor, político-cidadão, professor-aluno, teólogo-crente, clérigo-fiel. Todas essas, sendo relações hegemônicas (de poder), são relações pedagógicas. Cuidar do outro: em seus direitos respectivos como usuário, consumidor, paciente, cliente, cidadão, visando ao atendimento de suas demandas, à realização de seus direitos e ao desenvolvimento de suas potencialidades. O cuidado religioso e pedagógico requer diversas qualidades éticas do educador e do teólogo-clérigo: integridade pessoal; olhar atento e escuta sensível; diálogo e comunicação; coerência e congruência na conduta pessoal; competência técnica; profissionalismo; transparência; legalidade (cumprimento das leis); impessoalidade (não conflito entre interesses pessoais e deveres profissionais). Dom Helder e Paulo Freire foram pessoas que cumpriram em sua integralidade essas qualidades.

Relação pedagógica implica ensino, e este implica alguma transmissão de conhecimentos, mas não se reduz a isso. Pois ensinar (*in-signum* [lat.], *in-segnare* [ital.]) é *imprimir* uma *marca*. Trata-se, pois, de uma realidade imaterial. Por isso não se trata de transmissão no sentido negativo denunciado por Paulo Freire, da “educação bancária”, na qual não se faz mais do que transferir conhecimentos dos professores para os alunos, como num “depósito” bancário de valores. A função de transmitir conhecimentos e símbolos de uma vida que transcende a materialidade é uma *missão* que ultrapassa gerações: é uma *trans-missão*. Todos têm o direito de ter acesso a todos os conhecimentos e a todo o patrimônio espiritual acumulados pela humanidade. Pode haver, e há, diversas formas de se fazer essa aprendizagem do passado, e em todas há algo valioso que se *imprime* e se *marca* na cultura das novas gerações. Em to-

das elas, trata-se sempre de libertar-se de tudo o que impede o desenvolvimento pleno das potencialidades pessoais e sociais à construção de uma vida em sociedade com dignidade.

Todas essas ações e fundamentos foram vividos e praticados integralmente por Dom Helder Camara e Paulo Freire. É isso que este livro de Martinho Condini ajuda a explicitar historicamente. Não é possível pensar o Brasil no século XX, e doravante, em seu esforço de efetivar e ampliar a cidadania e a plena humanidade de todos os seus cidadãos, sem pensar em Dom Helder Camara e em Paulo Freire. Não é possível pensar em acaso quando nos damos conta de que ambos são nordestinos, que tiveram à flor da pele a sensibilidade e a solidariedade para com os pobres e excluídos. Não é possível pensar como casualidade que eles tenham se encontrado e se referido tantas vezes, constituindo duas expressões da unidade estratégica entre teologia e pedagogia, pastoral e didática, cristãos e educadores, nesse histórico e monumental compromisso de realização do direito e da dignidade de todos os cidadãos brasileiros. Com eles, o Brasil experienciou uma religião libertadora e uma educação libertadora, que seguem contribuindo para a construção de uma política libertadora.

E não será possível doravante pensar em Dom Helder Camara e Paulo Freire sem voltar a este estudo de Martinho Condini, que revela as afinidades de origem, de trajetória e de destino desses dois heróis brasileiros, e o quanto ambos contribuíram para o desenvolvimento social, político e cultural de nosso país.

Alípio Casali

Filósofo e Educador.

Professor titular do Departamento de Fundamentos
da Educação e da Pós-Graduação em Educação
da PUC-SP.

APRESENTAÇÃO

Certamente é muito bem-vindo o lançamento deste intrigante livro de Martinho Condini, fazendo uma aproximação entre as ideias e os ideais destes dois grandes educadores que foram Paulo Freire e Dom Helder Camara. Condini tem se dedicado a estudar a figura ímpar de Dom Helder, significativo representante do pensamento católico brasileiro e líder ativo da aplicação da doutrina social da Igreja católica no país, com um desempenho diferenciado no corpo do episcopado nacional, na segunda metade do século findo. Sobre ele fez sua dissertação de mestrado, destacando então como o modelo helderiano de esperança se transformara numa efetiva prática pedagógica. Além disso, mediante outros escritos e palestras, vem divulgando, para as atuais gerações, as contribuições que a palavra e a ação desse incansável pastor podem trazer para todos nós.

Agora, com este livro, resultado de uma abordagem sistemática das aproximações filosófico-educacionais entre as posições de Dom Helder e a perspectiva freireana, que o autor investigou em sua tese de doutorado, passaremos a contar com mais uma valiosa contribuição para os estudos de Filosofia da Educação no país. Estamos diante de um importante

trabalho, seja do ponto de vista da historiografia da educação nacional, seja do ponto de vista da filosofia da educação. Não se pode recompor a história da educação brasileira sem resgatar algumas contribuições não acadêmicas da intervenção educativa, e não se pode compreender o sentido emancipatório da educação sem resgatar suas formas históricas concretas e seus artífices. Tais iniciativas expressam a superação de preconceitos e resistências contra esse tipo de investigação. O silenciamento decorrente da ausência de pesquisas e estudos acaba levando a uma espécie de rarefação do pensamento nacional que assim vai sumindo do acervo cultural disponibilizado para as novas gerações. Daí o alcance simultaneamente pedagógico e político-cultural dos estudos do presente trabalho. Ele vem resgatar uma dívida que o mundo acadêmico tem para com aqueles personagens que são protagonistas de iniciativas teóricas ou práticas que acontecem no âmbito dos movimentos externos a ele, acolhendo suas vozes – o que se torna muito relevante, porque esses movimentos expressam melhor a realidade concreta do povo a quem, supostamente, a academia quer também se dirigir.

Embora Paulo Freire já tenha recebido uma significativa atenção, mais sistemática, seu pensamento continua demandando maior aprofundamento filosófico. Por isso, quero ressaltar mais esta contribuição que o livro traz, ao fazer a abordagem da obra de Dom Helder à luz do pensamento freireano. E, quanto a Dom Helder, nem é necessário dizer: sua história, pensamento e contribuição ficam, pelo menos aparentemente, limitados a círculos restritos de alguns estudiosos. Evidentemente, isso tem a ver com uma normal e até necessária especialização no que concerne à sistematização do saber, o que não justifica, no entanto, a marginalização, o ocultamento dessas contribuições. Por essa razão, quem se

preocupa com a expressão filosófico-educacional brasileira encontrará neste livro uma oportunidade ímpar para compreender o que de melhor se tem pensado sobre a educação entre nós. Além do mérito em si dos pensamentos desses educadores, cabe ressaltar o quanto eles nos ajudam a compreender a nossa história, a realidade histórico-social da segunda metade do século XX.

Vejo ainda outro mérito no livro, por entender que ele se situa na interface das abordagens histórica e filosófica. Perspectiva que é também muito valiosa, essa do historiador que enriquece sua informação histórica com reflexão de cunho mais hermenêutico. Por sinal, a exposição histórica é extremamente estimulante, o que faz a leitura se tornar fluente e agradável. Cabe ressaltar a qualidade literária do texto e a correção metodológica da construção do trabalho, muito bem referenciadas as suas fontes. É sempre bom ler os escritos dos historiadores críticos, a desvendar e nos comunicar as articulações da engrenagem histórico-social.

A escolha da proposta de educação emancipadora me pareceu feliz, pois é muito fecunda para insistirmos mais na qualidade da educação, que, no meu entender, a sociedade brasileira continua tendo de buscar. Uma particular característica da presença desses dois educadores na sociedade brasileira é que seus pensamentos não se separam de suas intervenções práticas no tecido social. Teoria e prática integram um só movimento, não se separando como dimensões autônomas.

Por isso, a grande qualidade dos pensamentos estudados é justamente o fato de estarem mais próximos do conhecimento dos movimentos sociais, da cultura popular, das características da emancipação que esse povo persegue e espera. Certamente, a atuação dos dois próceres da práti-

ca socioeducativa foi atravessada e impregnada por diversas peculiaridades do contexto histórico em que viveram. Mas essas marcas, embora datando seus pensamentos, contribuem muito no sentido de nos desafiar para o re-equacionamento das demandas da atualidade, particularmente aquela de transformar toda a educação num processo efetivamente emancipador.

Antônio Joaquim Severino

Filósofo e educador

Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

(1986-1996).

Doutor em Filosofia, livre-docente em filosofia da Educação.

Professor do PPG em Educação da Uninove

e professor titular colaborador da

Faculdade de Educação da USP.

INTRODUÇÃO

Quando jovem, nas conversas de família, contavam-me passagens da história de dom Helder, principalmente sobre sua atuação no período da ditadura militar, quando foi uma voz importante contra a repressão e a favor do respeito e cumprimento dos direitos humanos.

Mais tarde, em meados da década de 1980 e final do regime militar, quando vivíamos o processo de redemocratização do Brasil, mais precisamente entre os anos de 1983 e 1984, a figura de dom Helder voltou a ser motivo de minha atenção e do meu interesse. A sociedade brasileira saía às ruas para reivindicar a volta das eleições diretas para presidente da república, que não aconteciam desde 1960. Foi um movimento nacional em que ocorreram vários comícios, denominados “campanha Diretas Já”. Dom Helder, miúdo, voz firme, gestos largos e meigos, fazia-se presente. Empolgado, discursava sobre a importância da democracia e da participação da sociedade nas decisões políticas do país. Sua imagem foi marcante. Então comecei a me envolver com leituras sobre a vida e a obra do arcebispo de Olinda e Recife.

Em 1997, iniciei minhas primeiras pesquisas sobre dom Helder. Em julho desse mesmo ano o conheci, em sua resi-

dência, na igreja das Fronteiras, em Recife. Foi um momento inesquecível. Apesar das poucas palavras, seu olhar profundo jamais me sairá da lembrança. O resultado dessa pesquisa foi uma dissertação de mestrado no Programa de Ciências da Religião (2000-2004) e uma tese de doutorado, no Programa Educação (2007-2011), ambas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Publiquei o livro *Dom Helder Camara: um modelo de esperança* (CONDINI, 2009), *Helder Camara, um nordestino cidadão do mundo*, este em parceria com a minha esposa Ilvana (BULLA; CONDINI, 2011). Em 2013, lancei o DVD *Educar para a liberdade – Dom Helder Camara e Paulo Freire*.¹

O livro *Dom Helder Camara: um modelo de esperança* mostra a trajetória do homem e do religioso; as implicações históricas, políticas, sociais e religiosas nas quais ele esteve envolvido; seus momentos conflitantes com a Igreja e com os militares no período em que exerceu a função de arcebispo de Olinda e Recife; e também seus sonhos em relação à promoção humana. Uma das conclusões desse livro foi a percepção mais clara de o quanto, apesar dos enfrentamentos, ele nunca abdicou de seus ideais. Suas atividades pastorais, políticas e sociais foram marcadas pelo cunho humanista e libertador. O seu caminho foi percorrido, trilhado e construído sob a égide da esperança.

Desde 2002 realizo palestras a estudantes, professores, religiosos e leigos em escolas, faculdades, universidades, sindicatos e igrejas. A finalidade é apresentar o pensamento e a obra de um dos protagonistas mais importantes da história da Igreja católica na América Latina e no Brasil, no século XX.

¹ Em 13 de abril de 2012, a presidenta Dilma Rousseff sancionou a lei 12612/2012, de autoria da deputada federal Luiza Erundina, que declara o educador Paulo Freire patrono da educação brasileira.

Nos últimos vinte e cinco anos atuei na área da educação sempre como professor. O meu histórico de vida profissional e acadêmica foi o fator gerador da motivação para produzir esta obra. Neste livro apresento Dom Helder como educador e, por intermédio do seu pensamento e dos seus pronunciamentos, mostro que, do seu trabalho político educacional, surgiu uma educação libertadora solidária, construída à semelhança da pedagogia freireana, como espaço para a realização da libertação e da humanização de homens e mulheres.

A relação Helder-Freire é relevante, pois ambos tiveram uma trajetória de propostas semelhantes em diferentes setores: a construção de uma igreja libertadora e a construção de uma educação libertadora. São caminhos diferenciados, mas com ideais semelhantes. Ambos, em áreas de extrema pobreza, trabalharam com as camadas sociais carentes a fim de que elas adquirissem, por meio de um processo de conscientização política, isto é, o entendimento da realidade, os mecanismos para gerenciar as transformações necessárias às suas vidas. O encontro de Helder e Freire demonstrará que o pensamento educacional libertador helderiano, à luz da pedagogia freireana, é uma alternativa significativa para o atual contexto educacional.

Entendo educação libertadora como um processo de conscientização e ação em que as pessoas tomam conhecimento de sua realidade e, a partir dela, adquirem condições de transformá-la, tornando-se agentes da própria história e precursores da promoção e formação humana. Também considero que a educação libertadora não ocorre apenas nas cadeiras escolares. Ela acontece num âmbito mais amplo, que ultrapassa os limites institucionais escolares, atingindo outras esferas sociais.

O meu propósito com este livro é demonstrar como, por hipótese, o trabalho político educacional de Dom Helder à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife, no período do governo militar (1964-1985), pode ser entendido como um trabalho educacional libertador, segundo os fundamentos críticos da pedagogia freireana. Sua atuação sempre se caracterizou pela participação e pelo diálogo com as comunidades, a fim de que adquirissem confiança para transformar e conquistar a liberdade e exercer a sua cidadania.

Em suas obras e conferências, Dom Helder enfatizava que a educação era um dos meios de possibilitar a criação de outra sociedade, de um mundo mais justo e humano. Assim ele se referia ao processo de uma educação libertadora: “E precisamos vitalmente, urgentemente, da coragem de nos unirmos para a educação libertadora. Eis a missão máxima do homem de nossos dias” (CAMARA, 1976, p. 57). O seu questionamento aos setores educacionais era: “A educação que gerou o nosso mundo, liberta ou escraviza?” (*Ibidem*, p. 55). Tais questionamentos demonstravam que, para Dom Helder, as instituições educacionais necessitavam de profundas transformações:

Apesar de todos os pais desejarem o bem máximo dos filhos; apesar da escola pretender ser de vida, pela vida e para a vida; apesar da Igreja pretender apresentar Deus como Pai e levar homens a viverem como irmãos, como explicar que, no balanço geral do esforço educativo, encontramos 20% da humanidade com mais de 80% dos recursos da Terra e, conseqüentemente, mais de 80% da humanidade com menos de 20% dos recursos da Terra? (*ibidem*, p. 55-56).

Ele acreditava ser necessário que a sociedade se unisse para realizar uma educação libertadora, pois, por meio dela, o homem se tornaria não só o principal responsável pelo destino da humanidade, como também o construtor de sua história. A educação libertadora devia ensinar a importância da humanização, o respeito aos direitos humanos, a justiça, a conscientização política e a igualdade social. Essas propostas apontam para a possibilidade de se construir uma sociedade onde as pessoas se tornem agentes da própria história, condutoras do próprio destino, precursoras do desenvolvimento humano integral: conseqüentemente, apontam para a preocupação com a formação humana.

Diante disso, parto de sua obra e de seus escritos para mostrar como o seu trabalho político educacional colaborou para a construção de uma *educação libertadora solidária* com propostas para a formação de uma sociedade preocupada com a valorização e o respeito às diferenças culturais, econômicas, políticas, sociais e religiosas.

Se atentarmos para a história da educação no Brasil, podemos perceber que, desde o período colonial, ela é caracterizada por um processo predominantemente elitista, em que a preocupação primeira sempre foi satisfazer os interesses daqueles que detinham o poder econômico, independente da educação ser laica, católica, pública ou privada. Poucas vezes se viram, ao longo da história da educação no Brasil, processos educacionais com projetos voltados para a maioria da população e com qualidade, em que a educação oferecida possibilitasse a promoção humana e a formação integral do jovem. Sem entendermos e admitirmos esse processo histórico, será difícil construir uma educação libertadora que forme jovens de maneira integral, cidadãos conscientes, para que possamos trilhar o verdadeiro caminho do desenvolvimento.

Isso posto, quero afirmar que ainda hoje temos a histórica e crônica desvalorização e desconsideração da educação no Brasil. Ainda não conseguimos construir uma educação de qualidade e acessível a todos os nossos jovens. A preocupação predominante tem sido com uma educação de resultados, em detrimento de uma educação de formação integral, que realize conhecimento, formação e promoção humana. Não estou, com isso, abdicando da importância do conhecimento. Ele é fundamental. Mas acredito que os nossos jovens precisam voltar a perceber o outro, saber que a vida é um processo de construção e que se dá por meio das relações humanas baseadas no diálogo, no respeito, na tolerância, na solidariedade e na fraternidade. A promoção humana, por meio da educação, dá-se quando o propósito educacional valoriza o processo em sua integralidade, sem perder o foco principal, que é a formação humana, o ser humano.

Diante dessa realidade, tenho alguns objetivos com este livro que são de relevância histórica e educacional e que compreendem a apresentação de Dom Helder como educador e do seu trabalho político educacional como uma proposta pedagógica libertadora solidária, que corrobora e é corroborada pela pedagogia freireana e que poderá contribuir para melhorar a qualidade do ensino no atual contexto educacional. Entendo que, por meio da ampliação da compreensão do pensamento de Dom Helder, teremos melhor visibilidade sobre a sua contribuição para a área da educação. Por isso, faço algumas indagações que acredito serem pertinentes:

- Como se deu o trabalho político educacional de Dom Helder e com quais referências pedagógicas? Qual projeto pedagógico libertador ele construiu nos seus pronunciamentos como reflexo do seu trabalho político educacional?

- Quais influências teóricas estão presentes na sua prática educacional e no seu discurso pedagógico?
- Quais correlações podem ser estabelecidas entre o pensamento e a prática pedagógica de Dom Helder e de Paulo Freire?
- Quais contribuições a educação libertadora solidária poderá oferecer ao atual contexto educacional, em que há o predomínio da mentalidade neoliberal da era da globalização?

A partir das indagações expostas, levanto algumas hipóteses, que me permitirão um direcionamento de raciocínio em relação ao processo de construção da educação libertadora solidária de dom Helder.

Uma primeira hipótese é que o seu trabalho político educacional se inaugura com o trabalho na “Operação Esperança”² e também com a atividade “Encontro dos Irmãos”,³ que desencadeou o processo de criação das comunidades eclesiais de base em Olinda e Recife.

Outra hipótese está relacionada com os seus *pronunciamentos*⁴. Acredito que neles está inserida uma proposta de

² Operação Esperança foi um trabalho organizado por Dom Helder em julho de 1965, após uma inundação na grande Recife. Ocorreu uma intensa campanha para arrecadação de mantimentos e gêneros de primeira necessidade para as centenas de desabrigados. Após esse acontecimento, a Operação Esperança transformou-se numa entidade registrada em cartório que tinha como objetivo atender às necessidades básicas da população marginalizada.

³ O primeiro Encontro dos Irmãos foi realizado em 1969. Organizado pela arquidiocese de Olinda e Recife, sob orientação de Dom Helder, esse evento aconteceu por treze anos consecutivos. O seu propósito era fazer as comunidades refletirem sobre os temas fundamentais do cristianismo e os relacionarem com temas pertinentes ao cotidiano da sociedade, a fim de encontrar soluções para os problemas das comunidades. Essa prática deu origem às Comunidades Eclesiais de Base em Recife.

⁴ Esses pronunciamentos (discursos, palestras e mensagens) foram feitos por Dom Helder no período em que foi arcebispo de Olinda e Recife (1964-1985). Eles aconteceram em cerimônias de formatura, quando era paraninfo; em universidades, ao receber títulos de doutor *Honoris Causa*; e em palestras proferidas no Brasil

educação libertadora solidária que teve origem nas práticas do próprio Dom Helder.

Registro a minha convicção de que sua proposta de uma educação libertadora solidária poderá contribuir para a melhoria na qualidade de ensino no atual contexto educacional.

Contudo, não se pode esquecer que Dom Helder era um religioso e, por isso, a influência da Igreja católica é uma presença e uma referência em seu pensamento e em suas atitudes. No período em que exerceu a função de arcebispo de Olinda e Recife, as principais influências da Igreja sobre dom Helder foram o Concílio Vaticano II (entre 1962 e 1965), a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM), realizada em Medellín, Colômbia (em 1968), e a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla, México (em 1979).

Ressalto que, para testar a hipótese de haver forte convergência entre os trabalhos de Helder e Freire, a obra do educador Paulo Freire foi o principal referencial teórico, em Educação, deste livro. A pedagogia freireana foi guia para a compreensão da construção da educação libertadora solidária de Dom Helder.

Neste livro utilizei algumas obras e pronunciamentos de Dom Helder, dos quais retirei os elementos para a discussão de sua política educacional libertadora solidária. Os pronunciamentos e as obras são do período do regime militar (1964-1985) e pós-regime militar.

O livro está organizado em três capítulos. No primeiro, faço um histórico da trajetória de Dom Helder em três

e no exterior, a convite dos mais variados segmentos da sociedade. No Centro de Documentação Helder Camara, em Recife, encontram-se arquivados quinhentos e sessenta e quatro pronunciamentos de Dom Helder Camara.

momentos. O primeiro momento em Fortaleza, no Ceará, posterior a sua ordenação, onde destaco sua atuação e participação em atividades sociais, sindicais e educacionais e o seu ingresso e militância na Ação Integralista Brasileira. O segundo momento é a partir da sua transferência para o Rio de Janeiro, em 1936, e sua trajetória de vinte e oito anos com atividades educacionais, religiosas, sociais e políticas na então capital da República.

Do período no Rio de Janeiro, três fatos foram de grande relevância para a vida de Dom Helder. Primeiro, a sua participação na organização do XXXVIº Congresso Eucarístico Internacional, realizado na cidade do Rio de Janeiro, o primeiro do pós-guerra; segundo, o seu trabalho revolucionário e transformador realizado nas favelas do Rio de Janeiro, que lhe fará mudar sua própria postura dentro da Igreja; e, terceiro, sua decisiva participação na criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

E o terceiro momento é a sua transferência para o Recife, no início da ditadura militar, marcada pelo enfrentamento com os militares durante os vinte e um anos que estiveram no poder, como também o seu trabalho social denominado Operação Esperança, que aconteceu nas cidades de Recife e Olinda e, posteriormente, atingiu também a zona canavieira de Pernambuco. Finalizo o capítulo apresentando o processo de criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em Recife e Olinda e sua relação com a educação libertadora de Dom Helder.

O segundo capítulo está dividido em três momentos. Primeiramente, analiso alguns documentos do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín relacionados à educação. Nessa análise mostro a nova visão da Igreja sobre a prática educacional. Posteriormente, faço uma comparação

das ideias de Dom Helder e Paulo Freire e apresento a relação da educação libertadora solidária de Dom Helder com a pedagogia freireana.

No terceiro capítulo, faço um panorama dos polos teóricos do currículo e apresento as concepções tradicionais, as teorias críticas e pós-críticas e o currículo na *Pedagogia do oprimido*.⁵ Em seguida, apresento como as ideias e o pensamento de Dom Helder podem contribuir para o desenvolvimento do currículo no Brasil.

No apêndice, apresento uma cronologia sinótica de Dom Helder Camara e Paulo Freire. Aponto as principais passagens da vida desses dois tão importantes protagonistas da história do Brasil no século XX. Essa cronologia nos dá a possibilidade de visualizar como a trajetória de ambos e suas realizações como homens e educadores foram importantes para a construção de uma educação libertadora e como acreditaram que era possível a construção de outro mundo possível, com justiça para todos, e contribuíram com sua realização.

⁵ *Pedagogia do oprimido* é um dos mais conhecidos e importantes livros do educador Paulo Freire. Esse livro foi escrito no exílio, no Chile, em 1968. Freire propõe nessa obra uma pedagogia com uma nova forma de relacionamento entre professor, estudante e sociedade. Dedicado aos que são referidos como “os oprimidos” e baseado em sua própria experiência ajudando adultos a aprender a ler e escrever, Freire inclui uma detalhada análise de classes sociais exploradas na relação entre os que ele chama de “colonizador” e “colonizado”. O livro continua popular entre educadores no mundo inteiro.